

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LOCALIDADE	CÓDIGO DA FICHA					
	PA	01	06	13	F11	01
	UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO	Quilombos de Oriximiná
LOCALIDADE	Território Quilombola Erepecuru
MUNICÍPIO / UF	Oriximiná/PA

2. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE**PA****01****06****13****F11****01**

Instrumentos do grupo Encanto do Quilombo, do Jauary, INRC-Quilombos de Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Oriximiná-PA, 08/05/2013.



Interior da igreja de São Benedito, do Jauary, INRC-Quilombos de Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Oriximiná-PA, 08/05/2013.



Detalhe de escultura em pedra, na Pancada, INRC-Quilombos de Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Oriximiná-PA, 10/05/2013.



Concurso de dança de lundum na festa do dia das mães em São Joaquim, INRC-Quilombos de Oriximiná. Nazareth, Alexandre. Oriximiná-PA, 10/05/2013.

3. REFERÊNCIAS CULTURAIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS BENS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS**.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	06	13	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

SÍNTESE

O Território Erepecuru é composto pelas comunidades quilombolas Pancada, Araçá, Espírito Santo, São Joaquim, Jauari, Boa Vista do Cuminá, Santa Rita, Varre Vento, Jarauacá e Poço Fundo, e, de modo geral, apresenta características sociais e referências culturais semelhantes aos demais territórios quilombolas de Oriximiná, apesar das variações de uma comunidade para outra.

Abaixo serão apresentadas algumas das referências destacadas pelos moradores.

Celebrações

No território Erepecuru registram-se festas religiosas, juninas e natalinas e comemorações de datas como o Dia da Consciência Negra e o Dia das Mães – como, de praxe, ocorre nas diversas comunidades quilombolas de Oriximiná.

Com relação às festas de santo, as celebrações variam conforme a comunidade, com destaque para: a festa de Nossa Senhora Aparecida, em Boa Vista, no mês de outubro; a festa de São Benetido, no Jauary, em janeiro; a festa de São Joaquim, na comunidade homônima, em junho; e a festa de Nossa Senhora da Conceição, na Pancada, no dia 8 de dezembro. Essas festas buscam rememorar aspectos das antigas festas de santo, que também eram conhecidas como festas de ramadas ou festas de pau e corda, em alusão aos instrumentos musicais que as animavam, feitos de madeiras e cordas.

A ramada era o barracão de festa onde tudo era feito em coletividade, desde a reza das ladainhas em homenagem aos santos até o consumo de comidas e bebidas, as apresentações musicais e as danças (valsa, mazurca, desfeiteira, lundum). Assim, as festas de ramada se caracterizavam como grandes momentos de partilha e intensa sociabilidade. Havia um grupo de pessoas denominadas de mordomos, mestres-salas, juízes e juízas do mastro, que tinham como função organizar, patrocinar e preparar a festa. Para tanto se preparavam durante o ano que antecedia a festa, criando animais (porco, galinha, gado, pato, etc), fazendo plantios e juntando recursos para o preparo de bebidas (tarubá, caçuma, chá de mangarataia, café, chocolate das amêndoas de cacau) e alimentos (farinha, beijos, bolos) para serem doadas na festa. Para angariar mais recursos, promoviam rituais de esmolação para o santo festejado, saíam de casa em casa, normalmente em canoas a remo, para pedir donativos para a realização da festa. Durante a esmolação a imagem do santo era levada numa embarcação e apresentada ao dono da casa; em seguida cantava-se a ladainha do santo, numa versão popular que corresponde a uma variação do latim oficial, transmitida oralmente pelos mais antigos (o que se canta é mais uma tentativa de reprodução fonética do que propriamente o texto original em latim, mas que possui um sentido muito importante e devocional para os participantes da festa).

Hoje em dia, as festas de santos perderam a maior parte das características tradicionais, resumindo-se à realização de breves celebrações, torneios de futebol e festas dançantes durante as quais tudo que se serve é vendido. Exceção é a festa de São Benedito na comunidade do Jauary, que mantém muitos aspectos das festas antigas.

Festa de São Benedito

Realizada na primeira semana de janeiro, inicia-se com um café da manhã oferecido aos presentes pela comunidade anfitriã juntamente com os mordomos da festa, normalmente com a ajuda de empresas privadas e do governo municipal. Grande parte da comunidade se mobiliza para organizar a festa, colaborando na construção da escadaria que dá acesso ao centro, na decoração do barracão comunitário, na promoção do torneio de futebol e da festa dançante.

A festa é dividida em etapas, a saber:

- Levantamento e derrubada do mastro

Existem dois tipos de mastro: o mastro de tradição, que é dedicado ao santo padroeiro, e o mastro de promessa, que é feito por devotos para pagar promessas e graças recebidas. Ambos são feitos com madeiras leves, macias e moles (tapiririca, piririca, parará e tatá-piriri), para facilitar o corte no momento da derrubada. O mastro de tradição é enfeitado com ramos verdes e muitas frutas (banana, abacaxi, abacate, laranja, ata, maçã, cacau, graviola, etc). No topo do mastro é afixada a bandeira de São Benedito (na cor branca), junto com uma garrafa de bebida (cachaça, conhaque ou outra alcóolica) que será disputada durante a derrubada. O mastro de promessa é enfeitado com doces e salgados, além das ramos verdes, das frutas, da bandeira (na cor vermelha) e da garrafa de bebida. Vale notar que as bandeiras branca e vermelha remetem às festas do Divino Espírito Santo, muito comuns na região.

Durante a derrubada (ou derribada) alguns dos presentes são escolhidos pelos organizadores da festa para dar as machadadas no mastro, enquanto um grupo de homens o ampara para que não tombe em cima das pessoas que acompanham a cerimônia, que termina com a distribuição dos alimentos e das bebidas que lhe serviam de enfeite.

- Folia de São Benedito

A folia de São Benedito é uma procissão fluvial, uma volta que se faz no meio do rio formando uma “meia lua” durante a qual se reza e canta hinos a São Benedito, enquanto os foliões agitam as bandeiras ao som da caixa (tambor), sob comando de quem está cantando: “Folião abana a bandeira, no toque que a caixa dá, os anjinhos vão

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE**PA****01****06****13****F11****01**

remando” (Benedita Oliveira, Quilombo Boa Vista do Cuminá, 08.05.2013).

- Aiué

Um dos rituais mais importantes de congregação de negros nos princípios do século XX, o Aiué (ai uêh a São Benedito) foi registrado em áreas quilombolas de Oriximiná e Óbidos. Tratava-se de uma celebração mista de elementos africanos e católicos, associada à Folia de São Benedito, uma manifestação cuja estrutura se assemelhava à de outras festas de santo organizadas em torno de mastros e ramadas, comuns no interior da Amazônia. A organização da celebração incluía ritos de esmolação (coleta de doações para o santo), visita a casas e repasto (oferta de refeições aos festeiros), e culminava no momento simbólico do beija-o-santo.

O Aiué chegou a ser proibido pela igreja católica por volta de 1935, pois foi considerado como uma dança demoníaca. Daniel Souza, do Jauary, liderança quilombola do território Erepecuru, conta que a reativação do festejo do Aiué na sua comunidade, em 1983, foi um dos marcos de afirmação da identidade étnica, um projeto de “resgate da cultura original”:

A dança que era o Aiuê, que era um ritual africano que eles tinham. A mamãe não viu eles fazerem o Aiuê, cantarem, mas tinha outras pessoas mais velhas que a mamãe, que viram eles fazerem e aí cantaram para a mamãe e ensinaram para ela. Aí a gente resgatou, porque já estava se acabando, a gente resgatou. Quando foi em 83, a titia já estava com o tio aqui, aí a mamãe disse que era pra mostrar isso ao padre e eu disse que não, que o padre ia avacalhar com nós por mostrar essas coisas que talvez ele nem gostasse, mas a mamãe disse pra gente fazer. Fizemos, colorimos tudo, fizemos essas sacas de fios pintadas com urucu pra gente dançar. Nós dançamos, o padre enxergou, pediu pra ver, nós colocamos ele na roda e terminamos com ele o Aiuê. Ele perguntou pra mamãe o que era aquilo e a mamãe disse que os pretos dançavam, e que a gente queria ver que achavam bonito, “Ah, mas tem que incentivar”, e a partir daí começou (Daniel de Sousa, entrevista concedida em 08.12.12, na cidade de Santarém).

A dança é feita por casais, entre eles a rainha e o rei do Congo. O juiz segura o “santo” e para ele (São Benedito) é feita a dança. Os foliões, um com uma bandeira vermelha e a outra branca ficam de frente para as duas filas que se formam, a dos homens de frente para a bandeira branca e a das mulheres de frente para a bandeira vermelha, ambas com a inscrição transversal: AIUÉ DE SÃO BENEDITO.

A dança é composta de quatro partes (quatro músicas), nas três primeiras partes é possível ver o cortejo que se representa através dos casais que se encontram no meio do terreiro, vindo um cavalheiro de um lado e uma dama do outro. Na segunda parte há o cortejo e é cantada a história da rainha e do rei do Congo. Na última parte se faz a despedida juntamente com os porta-bandeiras. Dança-se descalço e de frente para o juiz, que fica com a imagem do santo no colo. As melodias e os passos lembram o lundum e o carimbó.

A roupa dos foliões é branca. O traje dos homens que dançam é composto de calça preta ou azul marinho e camisa branca; as mulheres normalmente usam roupas coloridas. O rei e a rainha do Congo possuem coroas. E, há ainda a Mãe Maria que, de acordo com Daniel, “dança com a cuia e dança com o remo. Eu acho que nesse processo da fuga eles se preveniam de acontecer alguma coisa. Ela rema, se de repente a canoa alagar ela tem uma cuia pra tirar a água da canoa”. O rei do congo traz a canoa na mão, representando aquele quem conduz a nau na travessia do mar.

O Aiuê está para além da comunidade de Jauary e se faz presente na memória e experiência de outras comunidades quilombolas como retrata a canção de Edilena Sousa:

Lalaiê, laiê (4x)

Eu sou filho desse rio. São Joaquim é meu lugar.

Eu sou negro organizado a cultura vou mostrar. (1x)

Na Pancada tem balanço, São Joaquim vai mostrar Afro

Espírito Santo e pastorinha, Jauari, Aiuê. (1x)

Lalaiê, laiê (8x).

- Ladainha

Após a apresentação do Aiué e a derrubada do mastro entoa-se o canto-reza da ladainha de São Benedito. Fazem-se as dedicatórias e ao fim do rito todos os mordomos vão “beijar o santo”.

- Noite cultural

A denominada “noite cultural” reserva momentos para as demais comunidades quilombolas participantes da festa apresentarem suas expressões culturais, normalmente organizadas por grupos de danças. Há premiações para os concursos de valsa, desfeiteira, xote, bolero e mazurca.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE**PA****01****06****13****F11****01****- Torneio de futebol**

O torneio de futebol ocorre na manhã seguinte à celebração religiosa e é promovido pelos anfitriões com apoio das comunidades convidadas para a festa. Cada qual fica responsável por levar seu time de futebol para disputar no Jauary. Assim, os moradores locais, por sua vez, ficam obrigados a “pagar a visita” às outras comunidades prestigiando os seus festejos e torneios.

*Formas de Expressão**Músicas de pau e corda*

As músicas de pau e corda e as danças que as acompanhavam (lundum, desfeiteira, valsa, mazurca) estão entre as principais formas de expressão referenciadas pelos moradores do Território Erepecuru. Grupos organizados no território procuram atualizar essas músicas em festas como a que foi acima descrita. Destaca-se entre eles o grupo Encanto do Quilombo.

Esse grupo se formou na comunidade do Jauary a partir de uma oficina de confecção de instrumentos de percussão com materiais da própria comunidade, realizada pela Fundação Curro Velho em 2012. A iniciativa nasceu de uma demanda da comunidade como uma forma de resgatar a tradição do uso de instrumentos de pau e corda na realização do Aiué.

A gente começou a pensar em como ia fazer pra reanimar, porque o “violinho” o pessoal toca mais, aí nós fizemos o grupo Encanto do Quilombo que é baseada nessas coisas dos tambores, também porque esse mesmo Guilherme que a gente tava falando, após a escravidão que eles souberam entraram no Barracão de Pedra e tocaram muito, bateram muito tambor. Segundo as histórias que eles contavam pra gente eles bateram muito tambor, tocaram, e a gente baseado nisso fizemos o Encanto do Quilombo. E a gente chamou uma pessoa pra ajudar a construir os tambores porque naquela época era tudo amarrado, não é como a gente faz hoje, aí veio uma pessoa de Belém que é especialista nessa área e veio nos ajudar. Só fez dizer o que tinha que fazer e nós fomos fazendo aí no final nós fizemos um conjunto e eu chamei de Encanto do Quilombo. A gente toca samba, pagode, olodum, tudo a gente toca que tinha a ver com festa (Daniel de Sousa, 08.12.12).

Os instrumentos utilizados pelo grupo são “violão, contrabaixo, o agogô que é feito do ouriço da castanha-do-pará, o atabaque que é o maior instrumento, a mini-mesa de percussão com dois tambores, o bumbo que é esse grande e a mesa de sapucanga, e os outros tambores que são tambores do couro da onça” (Darlison Menezes de Almeida, 10.05.2013).

O grupo tem 17 componentes, moradores do território Erepecuru, e costuma tocar nas festas nas comunidades quilombolas.

Danças

As danças antigas são executadas nas chamadas “festas culturais”, normalmente por moradores mais idosos e por grupo organizados de jovens, que são ensaiados nas escolas. Esses grupos jovens conjugam as apresentações de danças antigas com coreografias contemporâneas.

A Dança Afro, por exemplo, é uma atração cultural da comunidade São Joaquim, apresentada por jovens:

Foi criada no ritmo de Angola. Foi um angolano que veio, então ele trouxe e mostrou pra nós o ritmo. Só que tava no ritmo deles lá da Angola, a letra da música, tudo. Só que nós gostamos né, nos interessamos pelo ritmo e aí nós fizemos a nossa versão em cima do ritmo deles, criamos a nossa coreografia, os nossos próprios passos e formamos a Dança Afro. E ela é dançada num ritmo bem... Nós mesmos fizemos as letras, aí forma um par, aí na letra dela envolve as outras comunidades aqui na região, aí vai dizendo o nome das danças das outras comunidades, a gente vai dizendo a coreografia da nossa dança de acordo com a coreografia da dança deles também. Então a gente envolveu praticamente todo mundo na nossa dança, então é muito bacana (Edilena da Silva Sousa, São Joaquim; 10.05.2013).

A dança é acompanhada pela seguinte cantiga:

Estamos chegando aqui no São Francisco onde tudo dá
A escola polo que foi construída aqui no Araçá
Ela é conhecida e considerada a melhor que há
Ela tem beleza e com toda certeza vai continuar
Nela se estuda a nossa cultura aqui da região

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	06	13	F11	01
------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

Tem contos e mitos que foram passados aqui pelo pessoal
 Tem a cobra grande o curral de pedras e tem muito mais
 Tem o nosso orgulho que é os quilombolas e os castanhais
 Pelos nossos idosos que fizeram parte dos antepassados
 Tem o tio Tatico, o tio Chico Melo, o tio Baldoíno
 Tem nossos idosos que ainda parte dessa região
 Tio Salustiano, tio Benedito e tia Bernardina
 Erepecuru é um rio banhado com muitas riquezas
 Pelas cachoeiras pelo ouro puro que tem com certeza
 E aqui termino com muita alegria no meu coração
 Pela nossa escola que foi construída aqui na região.

Há também a Dança do Zumbi com a Dandara (guerreira negra, esposa do líder quilombola Zumbi), é organizada por moradores da comunidade do Espírito Santo para narrar a história do povo negro que lutou contra a escravidão. De acordo com Patrício Souza, esta “é uma dança tradicional, voltada às nossas descendências. Ela veio desde a escravidão. Ela explica através da dança, é uma maneira de explicar o que se passou na antiguidade”.

Histórias de encantarias

As histórias de encantarias são frequentes nas comunidades do Erepecuru. Abaixo reproduzimos algumas que foram registradas durante a pesquisa.

- Pezão

Tem aquela da menina do José, dessa eu não tenho muitos detalhes porque não é da minha época, mas tem a história do Pé Grande que aconteceu, foi uma coisa que mexeu com o pessoal lá em Oriximiná, o poder público, esse pessoal aí ficaram todos curiosos pra ver... Foi aqui mais abaixo numa comunidade que tem na cabeceira de um lago, Tucunaré que chamam. Aconteceu que um certo tempo tinha um rapaz que caçava muito pra vender. Caçava de noite com um cachorro, com uns 12, 15 cachorros. Fazendo aquele barulho todo até que chegou um certo tempo que eu acho que a mãe se aborreceu com aquilo, com aquele barulho todo durante a noite, e a perseguição era demais. Aí foi que surgiu esse negócio do Pé Grande. Quando foi um belo dia um senhor foi pra lá pescar – ele já até morreu, o senhor João Batista – ele foi pescar de dia no lago e aconteceu de ele escutar aquele grito, tipo uma pessoa gritando. Ele ficou com aquilo na cabeça, ele lá pescando e aquela coisa se aproximando, aquele grito. Ele tava próximo à beira do lago e quando ele olhou pra dentro da mata aquilo subiu em forte e o corpo dele começou a se arrepiar todo aí ele sentiu aquele odor e começou a passar mal. Ele tentou ir pra beira pra ver o que era aquilo, mas ele não conseguiu mais porque o odor era tão forte que ele começou a passar mal, não resistiu mais e voltou. Quando ele chegou em casa tremendo, com dor de cabeça, febre, começou a comentar com o pessoal o que aconteceu. Tinha vários que não acreditavam, diziam que não era, até que chegou o ponto que esse rapaz que caçava lá com os cachorros foi pro mato caçar aí ele viu e esse bicho correu atrás dele, tentou pegar ele. E aí ele correu se afugentou desse bicho, mas ele era uma pessoa muito teimosa e tentou ir de novo lá onde ele foi e o bicho tentou pegar ele, ele foi lá tentar verificar o que era, pra ver pegada, essas coisas, pra ver se era onça, ver se era outra coisa. Aí ele chegou e viu a pegada do bicho, bem grande, onde ele pisava, o bicho, afundava mais de um palmo, as fezes que ele fazia lá, um horror de fezes, muito grande... Era uma catinga muito forte que a gente não resistia. Então ele foi lá outro dia lá e viu a pegada do bicho, e ele viu o pau onde era mais ou menos a altura do braço do bicho, quando ele ia passando o pau ia quebrando muito alto, mais alto que esses esteios do barracão, bem alto mesmo. Uma coisa muito horrível. Isso aí eu vi, eu fui lá também que eu não acreditava muito, fui lá ver se era verdade. Duvido porque às vezes tem gente que é mentiroso, eu fui lá e nós vimos, o pessoal lá da TV filmou... Nós vimos as pegadas, as fezes e por onde ele andou. A gente tentou ir atrás com o pessoal filmando, mas não conseguimos achar nenhum rastro. Depois disso aconteceu de novo, ele tentou pegar outro rapaz que tava caçando na mata durante o dia, e desde aí, dessa outra volta que ele deu as pessoas ficaram todas aterrorizadas, com medo dele aparecer nas casas, atacar a família, matar as pessoas. E depois de um certo tempo o rapaz parou de caçar à noite e parou a perseguição desse bicho, aí ficou o Pezão do Tucunaré (Patrício da Silva Souza, Espírito Santo,

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	06	13	F11	01
------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

09.05.2013)

- Onça-pé-de-burro

E também os antigos contam, e têm várias pessoas que contam que tem uma onça com pé de burro, os pés de trás são pés de burro. E eu acredito que tenha essa onça com pé de burro porque nós fomos explorar uma madeira pr'ali, lá pra cima, pras cachoeiras, e pra lá não existe esse negócio de burros e nós vimos as pegadas de burro e as pegadas de onça atravessando uma gruta, aí até eu fiquei meio com medo... Tinha acabado de passar lá, aí um senhor que de mais idade disse "Olha, isso aí é onça-pé-de-burro, vamos embora daqui que ela é muito perigosa". Aí foi que nós viemos embora e eu fiquei acreditando no que os velhos contavam (Patrício da Silva Souza, Espírito Santo, 09.05.2013).

- Visagens

Veio um pessoal em um barco. Aí eles vieram pro Chuvisco, aí eles foram dormir ali do outro lado. De repente eles começaram a gritar. Uma mulher disse que tinha visto uma sereia ali na cachoeira, uma mulher muito bonita tinha aparecido por lá. Quando eu estava no garimpo outras pessoas enxergavam vários tipos de vultos, mas eu nunca tinha enxergado um porque eu sempre conversava com a mãe da natureza, eu ficava em um barraco, mas eu não via nada. Nem os índios não passavam por lá (Edna Santos, Pancada, 10/05/2013).

Lugares

Como em outras localidades pesquisadas, os lugares mais significativos para os moradores do território Trombetas são aqueles onde se realizam suas principais atividades produtivas (castanhais, lagos, rios, igarapés, roçados), aqueles onde se passaram fatos históricos e os que são considerados assombrados ou encantados por seres sobrenaturais, a respeito dos quais versam muitas histórias de encantarias. Abaixo são descritos alguns, conforme registros obtidos na pesquisa:

- Barracão de Pedra

O Barracão de Pedra diz que foi a moradia das cobras grandes. Então, era uma moradia de uma cobra grande que existia aí, na época que ela impedia a passagem de pessoas, de animais, até pelo ar ela impedia a passagem de animais. Então, depois que ela se deslocou de lá pra brigar com uma outra lá é que ficou esse barracão. Depois da deslocação dela baixou o nível da água e ficou esse barracão de pedra aí, aonde as pessoas se agrupavam, os antigos fugitivos e faziam morada... Lá também tem um crucifixo, um santinho que tem na pedra, aí os antigos faziam promessas, eram obtidas as promessas que eles faziam e até hoje tem muitas pessoas, nós ainda acreditamos que a gente é capaz de obter milagres desse santo... não é riscado, ele é... sei lá, cravado na pedra, é de natureza mesmo..., como se fosse desenhado na pedra. Mas a gente percebe que não é uma coisa desenhada, porque a gente percebe que vem de dentro da pedra aquele formato..., tem um coração em volta dele... É, do coração de Jesus. Várias pessoas, os antigos têm muita fé, e eles chegam até a falar de milagre que aconteceram (Patrício da Silva Souza, Espírito Santo, 09.05.2013).

- Curral de Pedra ou Curralzinho

O curralzinho tem esse formato, tem aquelas áreas que ficam aquelas areias que formam um curralzinho de pedra, todo organizadinho, bem arrumadinho, bem bonitinho, e esse curralzinho de pedra é um mistério que acontece. Se a gente tirar uma pedra de lá e colocar em outro local, se tirar de tarde, quando é de noite ou outro dia pela manhã, a pedra já tá no mesmo local de novo. Por mais que você traga pra sua casa ela volta pra lá, sem explicação... uma vez lá perto de casa, lá na minha casa, ela gira no verão, então me falavam só que eu não acreditava que acontecia isso. Aí eu fui e tirei a pedra, trouxe ela pra minha casa e deixei guardada, foi pela tarde, quando foi pela manhã do dia seguinte, fui fazer procuração da pedra e ela não tava mais lá, e eu fui lá no dito local e ela estava lá. Eu fiz isso mais de três vezes. Quando foi à noite eu tive um sonho, uma coisa que veio, me despertou e disse que não era pra eu fazer mais aquilo, que não era certo, porque eu ia ter problemas se continuasse com essas coisas, que aquilo lá

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	06	13	F11	01
------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

tinha um dono que tinha feito e que não era pra eu continuar fazendo aquilo. Isso que aconteceu comigo lá do curralzinho... o curralzinho é da natureza, não é feito por ninguém, é coisa que acontece. Hoje ele tá aqui, amanhã tá pr'alí, depois mais lá na beira, já tem no fundo e é assim que é o curralzinho, não é feito por ninguém, é coisa da natureza, inexplicável... eu já ouvi falar de acontecer assim como eu acabei de falar, ter represália, ser avisado... Tem gente que não consegue dormir as vezes quando faz mais de três, quatro vezes, cinco vezes, não conseguem dormir aí começam a ter acesso de loucura, começam a ficar pulando. Aí quando acontece isso eles correm nos curandeiros que existem na região. Um dos melhores curandeiros que existia na época era o finado Chico Melo, meu tio pai do Irineu, e ele que tratava das pessoas, da gente. E era assim: ele cuidava, mas quando terminava de cuidar ele dizia que não era mais pra gente fazer aquilo, nem mexer mais porque se não se tornava pior (Patrício da Silva Souza, Espírito Santo, 09.05.2013)

- Lago do Centro

O Lago do Centro, lá tem uma história – eu não vou contar de certeza porque não era eu que tava lá, eu vou contar o que já ouvi falar. Inclusive a primeira história que eu vou contar desse lago mesmo porque meu filho tinha 16 anos, o Natanael, quando ele foi atrás de matar uma caça pra nós, ele foi pra lá, e quando ele chegou nesse lago disse assim “Será que é esse o Lago do Centro que meu pai fala?”. Aí ele foi prestando atenção e diz que o lago é muito silencioso. Quando ele estava lá no lago aqueles patos vieram e sentaram bem perto dele, e disse “Eu vou atirar num pato desses, e se cair na água eu vou pegar”. Olha a obra de Deus, ele viu o pato lá, escolheu um e atirou, o pato caiu n'água, quando o pato caiu n'água. Olha, meu filho tá vivo, e a segunda história que eu sei contar desse mesmo lago com ele de novo quando tava ele e o meu neto, Carlinho. Eles tinham matado uma anta nesse dia pra lá e fomos buscar, ele veio chamar o pai dele e os irmãos dele pra ir pra lá. Quando eles vinham de lá pra cá o meu neto disse “Titio, se o senhor quiser ficar aí o senhor fica e eu vou lá buscar”, diz que quando ele tava lá viu aquele bicho tipo cavalo correndo muito rápido, e ele disse “Eu vou matar essa anta, agora é eu que vou matar”. Professora, diz que ele se apalmeou no lado de uma raiz de pau com a espingarda engatilhada que aquele bicho vinha muito rápido pro lado dele. Diz que ele só viu mesmo aquele ventão passar e não era nada. E isso eu sei contar porque não fui eu que vi, foi o povo lá de casa e contam que eles viram isso, mas têm outras histórias do povo daqui como o dela que morou antes de mim lá que sabe contar histórias daí desse lago. Uma vez, em 89 quando eu tava de parto da Genina, o Bené foi pra cidade e eu fiquei sozinha com a minha criançada aí, e uma hora da noite dá aquele sono, depois a gente perde o sono. Eu fiquei imaginando o que meu esposo tá fazendo lá na cidade, e eu aqui frita com esse monte de crianças. Eu fumava nesse tempo, me levantei e fui fazer um cigarro e um café pra tomar, quando eu voltei pro meu quarto eu escutei aquilo, um barulho de quando coloca água bem pesada na vasilha que tem a boca grande. Aquilo não foi só eu que escutei o Matias também escutou quando eles moravam aí no Miri. Escutei aquilo bem forte, e ele disse que ainda escutou uns três baques, tipo assim, socando no pilão bem forte mesmo. Eu escutei nesse rumo atrás de casa, e ele não sabe se é pra lá mesmo ou se era outra coisa, só sei que eu escutei e ele também escutou na mesma noite. E o pessoal daqui que moraram antes de nós lá contam que esse lago aí é respeitado. Pra senhora ver que ele é tão respeitado o povo caça tudo por aí mas não pra lá (Julia Márcia Guedes do Nascimento, Espírito Santo, 09.05.2013).

Ofícios e modos de fazer

Ofício de castanheiro

A coleta de castanhas é uma atividade muito importante para a manutenção das famílias e do modo de vida quilombola em todo o território do Erepecuru. “Tirar castanha” é uma tarefa em que participam todos os membros aptos da família, desde crianças a adultos, até que a idade e a saúde o permitam. Embora a tradição de levar as crianças para os castanhais venha perdendo uso, em função dos compromissos nas escolas, algumas famílias ainda se transferem inteiras para os castanhais, quando é chegada a época da safra, no inverno amazônico. No castanhal cada

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PA	01	06	13	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

um assume uma função: coletar, carregar, caçar, cozinhar, a fim de suprir a família durante a permanência na mata.

A castanha coletada é consumida na comunidade in natura ou preparada em beijos, mingaus e molhos para acompanhar, especialmente, carnes de caça. O excedente é vendido na cidade de Oriximiná, diretamente ao comprador, ou através da Cooperativa dos Quilombos (CEQMO), na qual alguns quilombolas são cooperados.

O ofício é cantado em versos, conforme um trecho desta música:

Ê castanheiro, cadê a castanha da nossa terra?

Ainda hoje trago na lembrança os tempos de infância dos castanhais.

Ê castanheiro, cadê o tempo bom que não volta mais?

Artesanato

Nas comunidades do território Erepecuru o artesanato de barro era muito usado, mas hoje em dia pouco se encontra:

A mamãe fazia panela de barro, forno de barro, tudo ela fazia. Torrador de café de barro, mas se eu achar um barro bom de fazer eu faço, que eu vi bem ela fazer... A gente pega uma tábua redonda aí pega o barro, mas não é qualquer barro não, tem que misturar com caraipé – o pau. A gente tira a casca do pau, agora queima aquelas cascas bem queimadas, quando fica só aquela cinza a senhora tira e passa na peneira aquele farelo dele pra amassar com o barro pra ele poder fazer a panela. Agora ele fica fazendo aquele morrão, por exemplo, pra fazer um forno, a tábua já está bem redondinha aí a senhora bota a tábua bem no jeito mesmo, aí vai fazendo o morrão e vai colocando na beira da tábua, aí você vai levantando até do tamanho que a senhora quer, depois que tá do tamanho que a senhora quer, a senhora pega esse urupê que sempre por aqui dá. Aí pega uma cuia dum lado, mete o urupê dentro daquela cuia e vai passando, aí ele vai emendando tudinho, aquelas rodas vai emendando tudinho, aí fica tudinho bem certinho, aí a senhora passa por fora e pega a juteica (jutaílica) e passa de novo, vai passando tudinho e vai emendando, aí tá pronta a panela. Agora a senhora deixa secar, depois de secar, depois de ela tá bem seca aí a senhora põe no fogo, vai queimar, quando a senhora olha pra ela, ela tá bem vermelha, aí a senhora espalha o fogo assim, pega um pau com um pano, agarra ela e tira ela de lá, agora tem que já tá tá com um morrão de juteica desse tamanho, aí passa o morrão de juteica nela pra amaciar ela, fica bem macia que é uma beleza, aí pronto, a senhora deixa esfriar, aí a senhora pode bater assim, ela faz tom... tom... tom... tá feito a panela. A senhora faz a orelhinha pra agarrar pra botar no fogo, tudo a senhora faz, a gente faz aquela orelhinha que é pra ter onde agarrar quando for colocar no fogo, que não pode colocar alça como essas de agora. E... tendo cuidado pra não bater, porque se bater quebrou, tendo cuidado dura muito dá pra netos e filhos e dá uma comida mais gostosa do que nessa de alumínio, a senhora pode cozinhar uma comida agora de manhã, a senhora pode deixar pra comer de tarde, até pro outro dia que a comida não fica ruim, nessa de alumínio... já era! Você tira ela do fogo, aquela panela, no que a senhora tira ela do fogo ela fica fervendo, só vai parar com uns cinco minutos que ela vai parando. a minha mãe era profissional! A mamãe fazia até essas tijelinhas assim pra beber café, ela fazia benzinho, nós tomava, botava café nela, botava a farinha, tomava café com farinha direto nela (Lourival Almeida, São Joaquim, 10.05.2013)

A produção artesanal de objetos de palhas, talas, cipós e madeiras também era significativa e respondia pela maior parte do consumo de utilitários nas residências e nos ambientes de trabalho. Entre outros objetos, produziam-se paneiros para juntar castanha e macaxeira, lixeiras (de cipó-ambé), tipitis, balaies e abanos (de palha de tucumanzeiro). O telhado das casas era feito com palha de ubim, que também servia para fazer o japá (porta e janela das casas). Atualmente são poucas as casas que possuem o telhado feito com ubim, mas utiliza-se muito para fazer as paredes dos banheiros. Os mais antigos sentem falta dos objetos e casas feitos com materiais naturais:

Olha, num pedaço a palha é melhor porque a palha ela é bem fresquinha. Isso aí é quente de mais, aqui ninguém pode ficar de dia, quando o sol tá quente é muito quente e a palha não, a palha não é quente, a senhora pode atar sua rede, sestar tranquilo. Só que tem o seguinte, a palha não dura muito tempo, é por isso que o pessoal já troca pela telha, porque a palha demora pouco tempo. A palha dura 10, 12 anos conforme o tessume, se ela for tecida com o ubim só de uma folha... agora se ela for tecida de duas folhas, costurado, é 12 anos certinho, agora assim não, costurado só duma folha o mais que ele aguenta é

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE				PA	01	06	13	F11	01
------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

cinco, três anos (Lourival Almeida, São Joaquim, 10.05.2013).

Medicina tradicional

Boa parte dos ofícios e modos de fazer tidos como referências culturais do território Erepecuru está relacionada ao tratamento de doenças provocadas por encantados ou fatores naturais. Embora o tratamento das primeiras exija a intervenção de agentes rituais específicos, que dominam certas práticas de caráter mágico-religioso, a cura das segundas é um assunto de ampla difusão em todas as comunidades da localidade. Com efeito, práticas de cura baseadas em conhecimentos tradicionais das plantas são muito frequentes em toda parte, tanto que é bastante comum observarmos nos quintais das casas grande diversidade de plantas que são usadas para combater febre, gripe, dor de barriga e outras doenças. Edna Santos faz um interessante relato sobre o uso medicinal de plantas:

Pra cólica eu faço o chá da pimenta do reino e mangarataia, eu ponho o copo quente na barriga e a cólica vai embora. Agente sofre muito trabalhando, já carregamos muita mandioca, castanha, banana, tudo isso já carreguei, eu carregava banana lá do meu bananal, quatro milheiro eu com o meu menino, então isso vai acabando com a gente. Nós, mulheres, não somos que nem homem, então através do remédio caseiro...

...a folha da hortelã grande é muito bom pra inflamação, pra tumor, quem ti ver qualquer tumor dentro pode tomar que é bom. A gente tira o sumo dele, bate no liquidificador pra tomar, é bom pra picada de cobra, toma e joga o sumo em cima dele... joga o veneno todinho. Nós nos curamos mais com remédio caseiro. Agora nós estamos tomando a pedra do Angelim no vinho branco, cura inflamação na barriga, não sente mais nada. Eu parei de ter filho só com o limão, eu tenho um filho com dez anos, agora eu quero ter outro filho com esse meu outro marido... que o limão, ele coisa o útero da gente, eu tomo antes e depois de fazer a relação, nós tomamos muito remédio caseiro nós já sofremos muito com nossos pais.

...saracura é bom pro fígado e bom pra malária, é bom para evitar muitos tipos de doenças. Aí você bate sete vezes e toma, ela acaba com a doença... ela é boa pra inflamação, pra tudo ela serve (Edna Santos, Pancada, 10.05.2013).

4. DESCRIÇÃO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA.

4.1. POPULAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

Localização e acesso

O Território Quilombola Erepecuru localiza-se nos municípios de Oriximiná e Óbidos, Microrregião de Óbidos, Mesorregião do Baixo Amazonas, Região Oeste do Pará. Estende-se numa área total de 218.004,2577 hectares, titulada em 8 de dezembro de 1998 pelo Incra (porção correspondente a 57.584,8505 hectares situados na Gleba Paru d'Oeste) e em 12 de maio de 2000 pelo Iterpa (porção correspondente a 160.459,4072 hectares). O território é vizinho das áreas quilombolas do Ariramba, do Trombetas e do Água Fria.

O acesso às comunidades do território Erepecuru se faz por via fluvial, através Rio Erepecuru, Acapu, Cuminá e seus tributários. Não há rotas regulares de barcos de linha para a localidade, mas alguns moradores possuem barcos preparados para viagens até a cidade mais próxima, Oriximiná. Em todas as casas há embarcações pequenas para trânsito nos limites do território e nas vizinhanças – canoas e baidaras, a remo e movidas por motores tipo rabeta.

População

O Território Quilombola Erepecuru é composto pelas comunidades Pancada, Araçá, Espírito Santo, São Joaquim, Jauary, Boa Vista – Cuminá, Santa Rita, Varre Vento, Jarauacá, Acapu e Poço Fundo. Além das intensas relações mantidas entre moradores das diferentes comunidades do próprio território, observa-se que os quilombolas do Erepecuru mantêm forte ligação com os do Ariramba, com os quais estabelecem já há gerações sólidas relações de parentesco, compadrio e amizade. São frequentes os casamentos entre moradores do Erepecuru e do Ariramba, inclusive entre primos, como demonstra o relato etnográfico abaixo:

A principal observação dos meus interlocutores a respeito dessa questão era que os casamentos feitos só do sangue quilombola, 'de sangue com sangue', eram mais fortes e mais seguros. As famílias podem tentar impedir namoros e casamentos entre primos muito próximos, com menos de quatro graus de

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	06	13	F11	01
------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

distância, porém, as prescrições da família raramente cancelam o desejo do casal, muitos primos de segundo grau casam e um casamento próximo também gera a apreciação da força do sangue das crianças... Isso não quer dizer que casamentos que misturam sangue dos filhos do Erepecuru com aqueles 'de fora' não podem ser boas alianças – já que uma boa parte das uniões são desse tipo –, ou mesmo que os casamentos puros não geram problemas, mas sim que o risco de conflitos e o trabalho para manter a paz é maior” (SAUMA, 2009, p.7).

A população total do território é de mais de 200 famílias. Há um equilíbrio entre a população masculina e feminina na localidade, mas, quanto à distribuição por faixa etária, nota-se maior concentração de crianças e adultos, observando-se o êxodo de adolescentes e jovens adultos para a cidade em busca de estudos e empregos. Não há dados disponíveis sobre as taxas de natalidade e mortalidade na comunidade.

Infraestrutura

Assim como no conjunto de localidades pesquisadas neste levantamento preliminar, são precárias as condições das comunidades do Erepecuru no que tange à infraestrutura básica de abastecimento de água, saneamento, energia, comunicação, transporte e edificações.

A água para uso geral vem dos rios e lagos e não é tratada. Não há estrutura de saneamento e os banheiros contam com fossas cavadas no chão.

Não há serviço de distribuição de energia no território, mas nos centros comunitários funcionam motores geradores que são ligados diariamente durante algumas horas da noite e eventualmente em outros horários, de acordo com a disponibilidade de combustível e as necessidades das comunidades.

Educação

O território Erepecuru possui duas escolas-polos construídas em alvenaria e providas por sanitários e água encanada: a escola São Francisco, na comunidade Araçá de Fora, atendendo a cerca de 140 alunos; e a escola Nossa Senhora Aparecida, na comunidade Boa Vista Cuminá oferecendo o ensino fundamental a cerca de 100 alunos dos territórios Erepecuru e Ariramba.

O serviço de transporte escolar em barco contratado pela Prefeitura de Oriximiná atende a todos os estudantes. Os barqueiros buscam em casa todos os alunos, começando o trajeto de manhã bem cedo, e no fim das aulas deixam cada um em sua casa. Apesar de o serviço garantir o acesso à escola, os pais se queixam dos horários de viagem, pois, dependendo do local de moradia, a criança tem que sair de casa antes do raiar do dia e só retorna após o horário do almoço, passando muitas horas sem comer, já que a escola oferece apenas uma merenda no meio da manhã.

A escola São Francisco, do Araçá, é homenageada num hino composto pela quilombola Júlia Guedes do Nascimento, do quilombo Espírito Santo:

Minha escola tão querida / Fostes tua preferida para vir nos ensinar / Aqui tem tanta riqueza que é fonte de beleza / Que até faz encantar / Hoje é nosso orgulho/ Que pensamos no futuro que a escola vai nos dar / Estudamos todos juntos / A beleza que existe e a cultura do lugar / São Francisco / Tu que é o nosso encanto / São Francisco / Como é lindo estudar / São Francisco / Está entre os passarinhos / Eles cantam bem cedinho / Que é pra gente se acordar/ Sei que tem tanta firmeza / Dada pela natureza / E tem onde tu estás / Está perto do nascente / Onde passa água corrente / Que é pra gente usar / Juntos nós agradecemos / A conquista que fizemos e lutamos até ganhar / Ela está numa ladeira / A escola é brasileira / São Francisco do Araçá / São Francisco / Tu que és o nosso encanto / São Francisco / Como é lindo estudar / São Francisco/ Está entre os passarinhos / Eles cantam bem cedinho / Que é pra gente se acordar (Julia Marcia Guedes do Nascimento, Espírito Santo, 09.05.2013).

Saúde

O território é atendido por dois postos de saúde, um localizado na comunidade do Jauary e outro na comunidade Boa Vista – Cuminá. Ambos oferecem atendimentos básicos e realizam procedimentos preventivos de saúde. O posto de saúde do Jauary é o único equipado para realizar exames laboratoriais. Normalmente, este é o mais procurado em casos de picadas de cobras e de outros animais peçonhentos bem como em suspeitas de malária.

O recurso aos postos, porém, só fez em casos que os tratamentos caseiros não resolvem o problema. Em casos de mal estar e doenças tidas como comuns (febre, diarreia, gripe, dores no corpo), o primeiro recurso é sempre aos cuidados com ervas e cascas extraídas do mato ou do quintal de casa, conforme ditam os conhecimentos da medicina tradicional.

Nos casos mais graves de doenças, o recurso é aos hospitais da cidade de Oriximiná ou de Santarém, onde é grande a procura pelo Hospital Regional do Baixo Amazonas.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	06	13	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

Cabe ressaltar que o atendimento em obstetrícia também tem sido crescentemente procurado nas unidades de saúde da cidade de Oriximiná, na mesma proporção em que cai o número de partos feitos no interior, alterando-se assim uma relação que até pouco tempo atrás era de domínio quase exclusivo das parteiras tradicionais.

Organização social e política

O Território Quilombola de Erepecuru é representado pela Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Erepecuru (ACORQE), que se formou em 2001 com apoio da Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Município de Oriximiná (ARQMO), à qual é filiada. A fundação da entidade esteve diretamente vinculada ao processo de demarcação e a titulação da terra quilombola, concluído em 1998, com a emissão de títulos do Incra e do Iterpa relativos a uma área de 218.044,2577 ha.

No que tange às formas de organização na esfera do trabalho, os moradores decidem individualmente pela participação ou não em associações e sindicatos de pescadores, produtores rurais e outros, e na Cooperativa do Quilombo (CEQMO), que apoia a comercialização da produção dos castanheiros quilombolas.

4.2. PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

O território Erepecuru engloba paisagens variadas, desde áreas de floresta preservada até áreas antropizadas, correspondentes às zonas habitadas e cultivadas (áreas de moradia) e aos centros comunitários. Essa diferenciação relaciona-se diretamente com as formas de organização socioespacial das famílias quilombolas e com os seus modos de vida e as suas práticas produtivas, que configuram as áreas de moradia e as áreas de uso do território – mais afastadas das casas e centros comunitários, compreendendo rios, igarapés, lagos, florestas. Nas áreas de moradia o trabalho individual e familiar responde pela produção de bens e benfeitorias dos quais cada unidade doméstica pode gozar de forma privada. Já nas áreas de uso do território – todas aquelas que extrapolam o núcleo doméstico – o domínio é coletivo. Árvores, lagos, peixes, caças, frutos e quaisquer outros recursos naturais que venham a ser encontrados nessas áreas são considerados como propriedade coletiva, embora possam ser explorados individualmente pelos moradores para fins de subsistência. Enquanto nas áreas de moradia as decisões são mais restritas às unidades familiares, no que tange às áreas de uso os processos decisórios são públicos e empreendidos coletivamente, no âmbito da associação que representa o território.

Características gerais

A área compreendida pelo território Erepecuru é representativa do bioma amazônico, caracterizada pela presença de florestas ombrófilas densa (mata pesada), densa aluvial (floresta inundável de igapós e de várzeas) e densa dos platôs (matas de terra firme) e densa submontana (matas de porte mais reduzido, com variação nítida da formação florística em virtude da elevação de altitude em até 500m); floresta ombrófila aberta (mata mais espaçada e de menor altura) e campinarana (campinas naturais). Há zonas de capoeira (formações vegetais antrópicas que se estabelecem a partir do processo de derruba e queima da floresta para abertura de roçados), campos para atividade agropecuária e zonas de solo exposto. Todo o território apresenta alta diversidade de espécies florísticas e faunísticas, tanto nos ecossistemas terrestres quanto nos ecossistemas aquáticos.

Quanto ao relevo, destacam-se ao norte deste território as serras da Carnaúba, Seringal e Santa Luzia.

A drenagem no território é garantida pelos rios Erepecuru, Cuminá e Acapu (os principais rios que cortam o território) e seus tributários, além de vários lagos e igarapés. Esses cursos d'água atendem às comunidades locais com água potável, pescado e quelônios.

Nas margens dos rios Erepecuru, Cuminá e Acapu encontram-se formações rochosas altas, formando espécies de paredões de pedra que submergem no período das enchentes e só aparecem no período de estiagem. Num trecho entre as comunidades de Jauary e São Joaquim essa formação rochosa adquire uma feição peculiar nomeada pelos quilombolas Barracão de Pedra. De acordo com as histórias que ouviram de seus ascendentes, era nesse local que os mocambeiros se reuniam para festejar, tocar músicas e dançar. O Barracão de Pedra é uma das referências espaciais mais importantes do território Erepecuru, lugar ao qual os quilombolas atribuem alta significação histórica e simbólica. Diz-se também que ao longo dessa formação rochosa existem determinadas pedras que não podem ser movidas de lá e que, quando são retiradas do seu lugar, movimentam-se misteriosamente para a posição original.

Os rios Erepecuru, Cuminá e Acapu têm corredeiras e cachoeiras nos seus cursos mais altos, o que dificulta e até mesmo impede a navegação em certos trechos. A principal delas é a Cachoeira da Pancada, acima da qual os negros fugidos do cativeiro instalaram os primeiros mocambos da área do Erepecuru. Logo abaixo dela fica a comunidade da Pancada, a partir de onde se acessa as cachoeiras do Ventilado e do Chuvisco, que por sua grande beleza, de certa forma inusitada em meio à floresta amazônica, atraem quilombolas e turistas para banhos.

Exploração de recursos ambientais

Como nas demais áreas quilombolas pesquisadas, as comunidades do território Erepecuru desenvolvem

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	06	13	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

formas tradicionais de uso dos recursos naturais nos diversos nichos ecológicos que o integram. São formas características da economia extrativa que se implantou na região desde o tempo da ocupação dos primeiros mocambos, aliadas à prática da agricultura familiar.

A agricultura de subsistência é baseada no sistema tradicional de preparo da terra (derruba e queima), sem utilização de insumos e/ou mecanização. A agricultura comercial em pequena escala é realizada por poucas famílias e normalmente se caracteriza pela venda de excedentes para atravessadores que compram a mercadoria na própria comunidade. Nas roças predominam as plantações de mandioca, em todo o território. Dela produz-se farinha de mandioca, que é muito procurada pelos consumidores de Oriximiná. Banana e milho também são cultivados em volume considerável. A agricultura é o meio de vida de muitas famílias, e quem não tem seu próprio roçado pode trabalhar como diarista na “juquirá”, ou seja, na capina dos roçados de terceiros, em troca de diárias pagas em dinheiro.

Dentre os produtos de extrativismo o mais importante para a economia familiar é a castanha, que é comercializada em escala significativa, seja diretamente pelo extrator, seja por intermédio da CEQMO.

A caça, a pesca e a captura de quelônios (entre eles o tracajá, muito apreciado na região) são atividades cotidianas voltadas para a alimentação das famílias.

A extração de talas (arumã), palhas, cipós (cipó ambé, timbó-açu, cipó titica) e é feita nas florestas e destina-se à produção artesanal de objetos para uso doméstico, japás (coberturas de portas e janelas) e coberturas de casas. Breu e sementes também são produtos florestais coletados para uso próprio e comercialização.

O extrativismo de madeira é importante para a construção de casas, barcos, cercas e currais para criação de pequenos animais (porcos, galinhas, patos) e algumas cabeças de gado.

Conflitos ambientais

A exploração madeireira e a expansão pecuarista são as principais causas de problemas ambientais no território Erepecuru, não só devido aos danos diretos causados à natureza, mas também pela introdução de agentes externos na área quilombola, cujos modos de vida e práticas culturais contrastam com os da população local, interferindo assim na preservação do seu patrimônio natural e cultural.

O desmatamento promovido por invasores em busca de madeiras nobres tem sido uma problemática constante. Em 1998 um estudo da Embrapa alertava para o acelerado desmatamento em torno de uma estrada então recém-aberta em Oriximiná, partindo da cidade em direção a noroeste. Conhecida como Estrada do BEC, porque foi aberta por componentes do Batalhão de Engenharia e Construção, essa via “constitui uma importante frente de colonização e representa potencialmente uma ameaça à integridade da porção sudeste da área Erepecuru”, sobretudo em função da “intensidade com que é feita a abertura de áreas de floresta, principalmente para a formação de pastagens pelos colonos da região” (WATRIN, 1998, p. 24). Esses colonos vieram a ocupar as áreas conhecidas como “individuais”, as quais correspondem às maiores extensões com atividades antrópicas, em especial de pastagens cultivada em áreas desmatadas.

Um freio ao desmatamento no fim dos anos 1990 foi a própria titulação do território quilombola com a garantir da propriedade das famílias residentes sobre as terras coletivas. Estudos realizados pela CPI-SP sugerem que, após a titulação, a tendência do índice de desmatamento foi de decréscimo: 123,34 hectares desmatados entre 2006 e 2009, contra 316,82 hectares desmatados de 2001 a 2005 (www.cpis.org.br). Porém, esse índice pode voltar a subir nos próximos anos, tendo em vista o recente licenciamento da exploração madeireira no território, conforme acordo firmado pela ACORQE com a Construtora Medeiros Ambiental Ltda., em fevereiro de 2011, para exploração de madeira em seu território.

Segundo dados divulgados pela Comissão Pró-Índio, a empresa teria apresentado aos comunitários uma estimativa de renda mensal em torno R\$ 3.000,00 para cada família (www.cpis.org.br), atraindo assim os quilombolas para o projeto de exploração madeireira. A atividade foi licenciada em 29 de agosto de 2012 pela Secretaria de Estado de Meio Ambiente do Pará, numa área de 180.761,6006 hectares, correspondente a 83% da dimensão total do território. A Licença de Atividade Rural nº 2108/2012 vigorará até 28 de agosto de 2017, mas muitos quilombolas já começam a perceber que o empreendimento não só não está trazendo os benefícios esperados como ainda pode pôr em risco a disponibilidade de recursos naturais indispensáveis à sobrevivência das famílias locais, atingindo diretamente sua segurança alimentar e a qualidade do ambiente em que residem.

Outra problemática que incide sobre o território relaciona-se aos projetos energéticos do Governo Federal, que prevê a exploração dos rios Trombetas e Erepecuru para fins de geração de energia através da instalação de 15 empreendimentos hidroelétricos. Conforme o Plano Nacional de Energia 2030, a previsão de área total a ser inundada por tais hidroelétricas somaria 5.530km² no território quilombola Erepecuru.

4.3. MARCOS EDIFICADOS

O território Erepecuru, assim como os demais, é consideravelmente mais rico em marcos naturais (lagos, igarapés, florestas) que em marcos edificadas. Estes últimos são pouco numerosos e significativos para a população

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	06	13	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

local, e ocorrem exclusivamente nas áreas de moradia e centros das comunidades que o integram.

As próprias residências das famílias, neste cenário, são marcos que condensam histórias da ocupação da área. As casas são feitas com madeira ou alvenaria e estão situadas preferencialmente nas margens dos lagos, igarapés e dos rios Erepecuru, Cuminá, Acapu e seus tributários. Em vários terrenos existem casas de farinha para uso das famílias. Elas são construções simples de madeira, sem paredes e com cobertura de palhas. Compõem-se de equipamentos rústicos usados na produção doméstica de farinha e outros derivados de mandioca: forno, gareira, catitu, rodete, tipiti, entre outros, que são feitos de madeira, palhas e talas.

Edificações que sobressaem nas comunidades são os barracões comunitários, os barracões de festa, as escolas, os postos de saúde (no caso de Boa Vista – Cuminá e Jauary) e as igrejas devotadas aos santos padroeiros, com destaque para a de São Benedito, no Jauary, uma construção simples em alvenaria, com bancos de madeira e altar com destaque para uma imagem do santo padroeira da comunidade que está sempre enfeitada com fitas coloridas.

5. FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FONTES INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA.

5.1. RESUMO

A ocupação negra na bacia do Erepecuru/Cuminá remonta aos anos 1800, quando se registraram as primeiras formações de mocambos nas zonas encachoeiradas desse rio e de seus tributários. Até então o interflúvio Erepecuru/Curuá era ocupado pelos Zo'é e por grupos Karib como Pianocótos, Rangu-Piquis e Tiriyo. Com a chegada dos mocambeiros a maioria desses indígenas migrou para outras áreas, embora tenham mantido diversos tipos de intercâmbio (comercial, cultural e sexual) com os negros, assim ajudando-os a se estabelecerem na região – apesar de que as relações entre índios e mocambeiros nem sempre foram pacíficas, como salientou O. Coudreau (1900).

A experiência da convivência com indígenas está presente na memória dos remanescentes de quilombos e é cantada em versos por Edilena Sousa, moradora do São Joaquim:

Meus avós foram escravos e fugitivos construíram famílias, e por esse motivo tenho sangue e não nego minha geração. Eu já vivi muito tempo nas Cachoeiras vivendo entre índios, dormindo em maqueiras em sua (morada) em forma de pião. Índio enfeita seus corpos com pluma e miçanga mulheres e filhos vestidos de tanga, seu ritmo de danças com flecha na mão. Eu já vivi muito tempo com a natureza, ficava encantado com sua beleza e trago comigo não esquecerei. Hoje eu vivo no mundo tão diferente não vejo a origem da vida da gente, mas vejo ciência que nunca sonhei. (Edilena Sousa, São Joaquim, 10.05.2013)

Compreendida como domínio e uso efetivo, portanto, a ocupação negra na localidade já havia se consolidado no final do século XIX. Com efeito, nesse período histórico os mocambeiros já haviam desenvolvido um domínio econômico sobre os rios e as matas da região: “fundaram comunidades, exploraram a região, colhendo castanhas e outros produtos vegetais, e estabeleceram diferentes contatos com os diferentes atores que os cercavam, principalmente com os grupos indígenas” (SANCHEZ, 1996, p. 14). Neste sentido, os povoamentos negros na região precedem em muito a fundação das comunidades remanescentes de quilombos que hoje integram o Território Erepecuru, entendendo-se essas comunidades como unidades territoriais dotadas de infraestrutura de uso coletivo e outros marcos identificadores.

O processo histórico de formação das comunidades atuais só pode ser compreendido levando-se em conta a economia basicamente extrativista dos mocambeiros e os casamentos preferencialmente endógamos nos mocambos. Os recursos naturais eram indispensáveis para a subsistência dos mocambeiros, que os exploravam conforme as estações do ano, na medida em que estas regulam a navegabilidade dos rios, as temporadas de caça e pesca e as safras dos produtos florestais. Os modos de vida dessa população caracterizavam-se pela utilização regular de áreas extensas, com a dispersão das famílias pelos rios e pelas florestas – inclusive com o estabelecimento de moradias temporárias dentro da mata fechada para facilitar o extrativismo. Desse modo, os núcleos de povoamento que deram origem às comunidades atuais foram criados em áreas relativamente afastadas, segundo esse padrão de mobilidade e de dispersão das famílias em função da disponibilidade de recursos naturais.

Como há poucos documentos e registros históricos sobre a região do Erepecuru/Cuminá, muito do que se conhece a respeito da trajetória das comunidades locais se deve à memória e a história oral transmitida pelos remanescentes dos mocambeiros.

Os principais registros que se conhecem devem-se, sobretudo, a expedições exploratórias empreendidas por missionários, naturalistas e oficiais de governo entre fins do século XIX e princípios do seguinte, com objetivos

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	06	13	F11	01
------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

distintos: evangelizadores, científicos e econômicos. A maior parte das expedições voltava-se para a zona dos chamados Campos Gerais, que fica acima do Rio Erepecuru/Cuminá e é caracterizada por uma paisagem de terras planas e de vegetação mais rasteira, supostamente propícias à exploração pecuária, minerária e agrícola.

Um dos primeiros exploradores a se aventurar em busca dos Campos Gerais foi o padre José Nicolino Rodrigues de Souza (considerado fundador da cidade de Oriximiná), que descreveu a região nos diários das três expedições que realizou no fim do século XIX, evangelizando índios e mocambeiros. Tendo falecido antes de completar a viagem, o padre foi sucedido em seu intento exploratório por Gonçalves Tocantins, que, em 1893 subiu o Rio Cuminá a mando do governo do Pará com a missão de chegar aos Campos Gerais e informar sua importância econômica ao país, com interesse especial para a possibilidade de criação de gado nesses campos. Em sua tarefa contou com ajuda de mocambeiros habitantes do Erepecuru, já estabelecidos como desbravadores da região. Um ano depois, o expedicionário Valente de Couto fez o mesmo percurso com o objetivo de abrir uma estrada ligando os Campos Gerais a Óbidos, visando à criação de gado nessa extensão de terras, conforme a recomendação de seu predecessor. Como os homens de Couto se perderam na mata na volta da expedição, Avelino Oliveira foi enviado pelo governo paraense numa expedição de resgate. No início dos 1900 foi a vez da naturalista O. Coudreau percorrer o Rio Cuminá em companhia de mocambeiros, entre eles o velho Guilherme, tio de Daniel Souza, entrevistado neste INRC.

Após a abolição da escravidão (1888) e nas primeiras décadas do século XX os negros oriundos dos mocambos se dispersaram de forma mais livre pelos rios, deixando as áreas encachoeiradas de difícil acesso e aproximando-se dos núcleos urbanos com os quais mantinham comércio. No entanto, mesmo após a liberdade os povoadamentos negros mantinham-se relativamente fechados aos contatos externos, pois os remanescentes dos mocambos temiam que os brancos pudessem aprisioná-los novamente. No território Erepecuru muitos moradores referem-se com o temor ao “tempo do pega-pega”, expressão usual pela qual designam as empreitadas de recaptura de negros fugidos e o recrutamento forçado de escravos para atuarem como combatentes do Brasil na Guerra do Paraguai (1864-1870). As representações do tempo do pega-pega, no entanto, se espriam quase cem anos após a libertação, referindo-se igualmente a um passado bem mais recente no qual os negros ainda temiam perder a liberdade conquistada. Até a primeira metade do século XX, por exemplo, muitos quilombolas contam que se escondiam no mato quando ouviam alguma embarcação se aproximando do seu local de moradia. O estado de alerta também se reproduzia nos castanhais, onde os negros procuravam fazer o máximo de silêncio para ficarem atentos a qualquer barulho estranho.

Na segunda metade do século XX, particularmente nas décadas de 1970 a 1990, acentuaram-se em toda a Bacia do Erepecuru/Cuminá os processos de segregação espacial e expulsão dos negros da região. A pressão expansionista, vinda de todos os lados (grileiros, grandes empresas e projetos, unidades de conservação), ameaçava-lhes não só a continuidade nos territórios que ocupavam desde a formação dos mocambos no século XIX, mas também a manutenção de seus modos de vida tradicionais, princípios, crenças, práticas culturais. Os negros viam-se acuadaos diante de pessoas que chegavam comprando e desmatando terras para abertura de pastos. O desmatamento em áreas tradicionalmente usada pelos moradores do Ariramba já era considerável no fim da década e cresceu de forma acelerada, principalmente em torno da Estrada do BEC, que se conformou uma importante frente de colonização e ao mesmo tempo, uma ameaça potencial à integridade da área Erepecuru.

Foi então que os remanescentes de quilombos começaram a se organizar em coletivos para lutar pela garantia das terras tradicionalmente ocupadas. Os moradores mobilizaram-se para reconhecer como comunidades os lugares que já habitavam havia muito tempo.

A comunidade de Jauari remonta aos anos de 1940. Teria sido fundada, segundo Daniel de Souza, por dois primos da família Melo – Brasileiro (Velho Brás) e velho Vítor (Velho Vítor) – em 1949. Nos anos 1960 outros moradores vieram do Araçá para o local lá anualmente “ia para o fundo” por causa das cheias do rio durante o inverno.

Em Boa Vista – Cuminá a ajuda do padre verbita José Cortes foi fundamental para a organização dos moradores. Benedita Oliveira e Nicolau dos Santos, alguns dos mais antigos, contam que na época da sua organização havia aproximadamente sete famílias no local, que decidiram pela fundação da comunidade e acataram Nossa Senhora Aparecida como padroeira. O nome da comunidade se definiu durante um censo do IBGE, quando Benedita lhe deu o nome de Boa Vista em função da paisagem avistada a partir daquele lugar.

A comunidade da Pancada surgiu a partir do descenso dos mocambeiros para a área abaixo da cachoeira que dá nome ao lugar. Segundo Margarida Souza, o nome da comunidade remete aos maus tratos que um italiano chamado Frederico, suposto proprietário das terras, imputava aos que lhe desobedeciam.

Aqui na Pancada, o italiano dava o nome, dizia que era o dono, e aí de quem entrasse pra tirar uma caixa de castanh, e não vendesse pra ele! Tinha que vender pra ele, se vendesse *fora à parte*, pegava chicotadas. Quem não pagasse a dívida, o que o italiano fazia com nós?! No período da castanha, se ele não recebesse a dívida do castanheiro, ele pegava a arma. Se tivesse machado, terçado, mosqueteiro, tudo. Ainda levava pra trabalhar no campo dele, como escravo. Até que ele dissesse que estava paga a dívida, todo tempo era assim. Quando foi um tempo atrás, eu já era casada com esse meu marido, nós já vivíamos nessa luta. E nós decidimos, com esse meu irmão, meu cunhado, meu

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	06	13	F11	01
------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

sobrinho, tentar quebrar aquela regra com eles. Só que era assim, mesmo os portugueses lá na África, eram negros escravos, e assim acontecia aqui, tinha vários negros que eram do lado dele, temiam, tinham medo. E começamos a fazer a confusão. Tirar castanha por nossa conta, vendia para quem nós queríamos e foi aquele problema sério, até arma tinha. O gerente deles lá, ficava na porta do barracão esperando os castanheiros virem da mata pra pegar o paneiro e dizer: “Arria o paneiro e vamos medir a castanha”! Era assim. Mas, esse pequeno grupo criou coragem, encararam eles: “Nós estamos tirando o que é nosso, não o que é seu, agora nós não vamos ser mais escravos de vocês, nós vamos vender nossas castanhas para quem a gente achar que devemos vender”, e começou a confusão. O meu marido foi trabalhar numa colocação, chamada Boto Grande. Com a nossa própria condição, compramos o rancho dele, e foi pra dentro do mato trabalhar. Quando ele chegou, disseram que compravam a castanha dele, mediram a castanha, quase oitenta caixas de castanhas. “O patrão vai chegar, e nós vamos apresentar sua nota”. E o *desgramado*, que era puxa saco dele, era um lascado que nem nós, quando foi no dia que chegou, o meu marido foi pra lá, e ele apresentou, de onde ele tinha tirado aquela castanha, e disse que foi do Boto Grande, e o patrão disse: “Não, essa castanha é minha. Quer dizer que tu tá me roubando, seu safado, tirando minha castanha e vender *fora à parte*”? E o meu marido disse: “negativo, eu tô tirando castanha de uma propriedade que não é de ninguém, e outra, eu tirei com minha condição”. E foi aquela discussão. E meu marido disse que era muito homem pra tirar oitenta caixas, e se ele tirasse ele ia preso: “*Bora* que eu vou preso, mas eu sei por que eu vou preso, mas por causa do que é meu, você pode me dar uma prisão, mas Deus vai lhe dar o dobro”. E tirou a castanha. E o patrão foi buscar polícia na cidade, tudo isso ele fazia pra amedrontar, pra tentar fazer nós calados. Os que tinham medo ficaram tudo calado, e o meu marido: “Eu não tenho medo, eu não matei, e não tô roubando nada, eu tô tirando uma coisa que é meu, que é nossa”. Até que levaram ele pra Óbidos, preso, e nessa época já existia sindicato, paróquia, igreja. E se reuniram, foram pra lá, trouxeram meu marido de volta e acabou aquela mordomia que tinha, de negro ser subordinado pelo branco, e o grupo que era contra entendeu. E o meu irmão trabalhava na liderança, pela paróquia e pelo sindicato, todos deram força. E todos tiravam sua castanha e vendiam. E foi o tempo que Deus disse: “Agora tu vem pra cá Frederico”. Morreu, acabou. Mas ficou o barracão, o finado Manoel, que era um negro, uma pessoa que era *frenteiro*, chamavam até de tuxaua, porque era tudo com ele, era daqui mesmo, até vindo dos garimpeiros e acabou com tudo. (Margarida Souza Almeida de Jesus, São Joaquim, 10.05.2013)

A comunidade de Espírito Santo foi fundada em 1982 por algumas famílias oriundas da Pancada, entre elas a de Júlia Márcia Guedes do Nascimento e a de Deuzarina Silva e Joaquim Lima, o mesmo que fundou mais tarde a comunidade de São Joaquim. Julia Guedes narra que “Antônio Muran, conhecido por Biqueirinho, Margarida com compadre Lourival, eu com Joaquim, Lázaro com a Domingas, Pedro Nonato, João Batista, Maria de Lourdes, que participava lá da comunidade, Francisco Nonato. Fomos os fundadores dessa comunidade” (Julia Márcia Guedes do Nascimento; Quilombo Espírito Santo; 09.05.2013).

A comunidade Araçá foi criada em 1992 a partir de trabalhadores que aí se instalaram em busca de garimpos. Entre seus fundadores estão José Melo dos Santos, José Guerreiro dos Santos, Maria Santana dos Santos Silva e Silas Viana Gomes, que vieram de uma localidade denominada Ilha do Melo.

A comunidade de São Joaquim é a mais recente, foi criada em 18 de fevereiro de 2001 por moradores que deixaram a comunidade Espírito Santo em função de disputas entre quilombolas e “individuas”. A comunidade recebeu esse nome em homenagem ao senhor Joaquim Lima de Sousa, que a fundou juntamente com sua irmã Margarida Souza Almeida de Jesus. Seu Joaquim, além de fundador da comunidade, foi também um dos responsáveis pela criação da Associação de Remanescentes de Quilombos do Município de Oriximiná (ARQMO).

A luta pela regularização do Território Quilombola Erepecuru começou alguns anos após a primulgação da Constituição Federal de 1988, que estabeleceu o direito das comunidades remanescentes dos quilombos terem reconhecida a propriedade das terras por elas tradicionalmente ocupadas. As comunidades locais começaram a lutar pela titulação do território, com apoio da ARQMO e da Igreja Católica, conforme explica Daniel de Souza, liderança local e representante da organização não governamental Malungu:

Nós começamos o processo do Erepecuru quase junto com o do Trombetas. O Trombetas nós titulamos em 97 e o Erepecuru em 98. Levou um ano discutindo e a gente conseguiu. A gente percebe que essa luta começou bem antes, porque

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	06	13	F11	01
------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

nós tivemos a igreja católica muito do nosso lado, nos ajudando muito e querendo que a gente conseguisse mesmo essas titulações, que evitariam no futuro para os nossos filhos um conflito de terra, por exemplo. Foi muito bom o incentivo da igreja católica, que ajudou a gente ir até Brasília. Eles que começaram a incentivar nós. Até na primeira viagem eles foram junto! Os padres foram com nós, nos ensinando o caminho aonde a gente tinha que chegar para que hoje nós viéssemos a ter o nosso próprio título. Eles eram padres de Oriximiná, eles foram decisivos na articulação da demarcação da terra no estado do Pará e Oriximiná principalmente... Um deles era o Padre Patrício, o Padre José. Eram pessoas que, se precisasse deles, eles iam com a gente, eles só diziam assim: 'a gente está ensinando o caminho para que mais tarde vocês caminhem com as próprias pernas'. Foi muito legal isso, isso deu sequência pra que a gente se organizasse. A gente organizou primeiro a ARQMO, que foi criada em 25 de julho de 1989, e depois as associações das áreas para receberem os títulos. Depois a gente pensou em uma dimensão muito maior. (Entrevista concedida em 08/12/2012, na cidade de Santarém).

Logo os opositores do movimento quilombola fundaram a Associação dos Produtores e Criadores Rurais da Bacia do Rio Trombetas, a Astro, que tinha por objetivo defender os direitos dos posseiros, em grande parte não quilombolas, que não aceitavam as propostas de demarcação e titulação de territórios coletivos. Influenciados pela Astro, alguns moradores (conhecidos como "os individuais") recusaram-se a integrar o processo para demarcação e titulação da terra quilombola e optaram pela titulação de lotes individuais que foram delimitados dentro da área do Erepecuru, assim como aconteceu no território Trombetas. Em pesquisas realizadas no Erepecuru, Sauma destacou que a maior parte dos individuais não era de nativos da terra:

Muitos chegaram de outros municípios e até de outros estados – especialmente durante a época em que o garimpo que fica acima das cachoeiras ainda funcionava –, e permaneceram depois desse período para criar suas famílias, em um rio famoso na região por sua fartura de peixe e pela riqueza de suas terras. Contudo, alguns individuais são "filhos do rio" e são, portanto, considerados como quilombolas que negam a sua coletividade. (SAUMA, 2009, p. 3)

A titulação do Território Quilombola do Erepecuru pelo Incra aconteceu em 8 de dezembro de 1998, e a emissão do título do Iterpa ocorreu em 12 de maio de 2000. Atualmente, muitos daqueles que aderiram à proposta de titulação individual reivindicam a reaproximação e a retomada da luta quilombola porque não possuem área para o desenvolvimento de suas atividades de subsistência e nem garantia de sua expansão física e cultural.

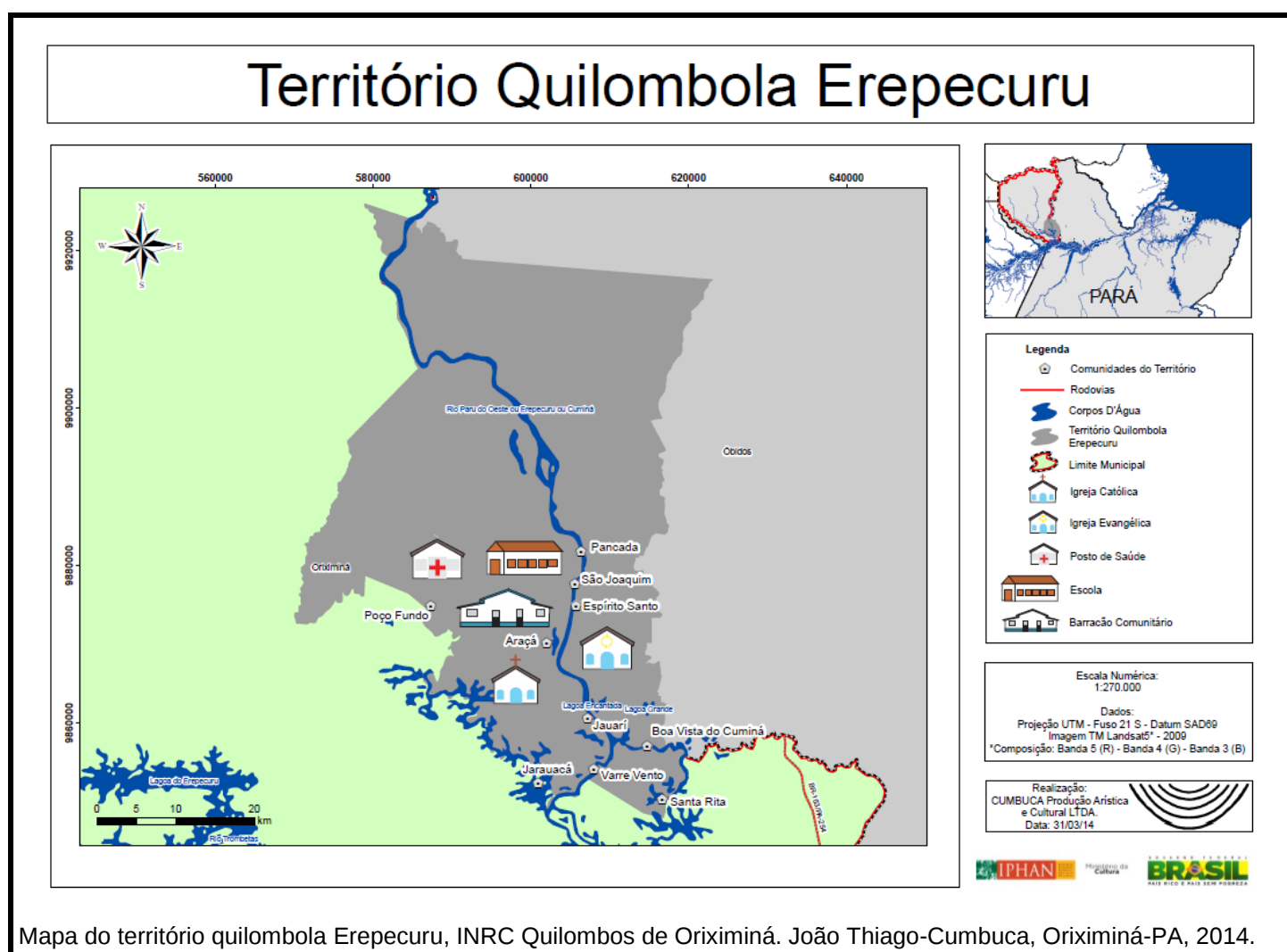
5.2. CRONOLOGIA

DATA	EVENTO
Até o séc. XIX	Ocupação do interflúvio Erepecuru/Cuminá pelos indígenas Zo'é e por grupos <i>karib</i> como Pianocótos, Rangu-Piquis e Tiriyo.
Séc. XIX	Fuga de escravos da região de Belém e do Baixo Amazonas para os rios Erepecuru e Cuminá, onde estabeleceram mocambos; Provável data de fixação dos negros da família Pinheiro no Igarapé do Murta, primeiro núcleo de povoamento do atual território do Ariramba; Expedições exploratórias no Rio Cuminá (algumas passando pelo Igarapé Ariramba) com vistas a alcançar os Campos Gerais, com destaque para as expedições realizadas em: • 1876-1877, 1877 e 1882, pelo padre Nicolino José Rodrigues de Souza; • 1893, por Gonçalves Tocantins que a mando do governo do Pará foi verificar as chances de explorar a criação de gado nesses campos; • 1894, por Valente de Couto, que sobe o Rio Cuminá com o objetivo de abrir uma estrada ligando Óbidos aos campos para aí iniciar a criação de gado; • 1894, por Avelino Oliveira, enviado pelo governo paraense para resgatar homens de Valente de Couto, que se perderam na mata.
1900	O. Coudreau navega o Igarapé Ariramba no percurso de seu <i>Voyage au Cuminá</i> .
Primeira metade do século XX	Dispersão dos povoamentos negros abaixo das cachoeiras do Erepecuru/Cuminá.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	06	13	F11	01
------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

Décadas de 1970 a 1990	Acentuam-se os processos de segregação espacial e expulsão dos negros das terras que ocupavam.
1989	Fundação da Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Município de Oriximiná.
1997	Criação da Associação dos Produtores e Criadores Rurais da Bacia do Rio Trombetas, a ASTRO, com objetivo de titular terras individuais de posseiros que se opunham aos propósitos da ARQMO.
1998	Titulação do Território Quilombola Erepecuru pelo Incra.
2000	Titulação do Território Quilombola Erepecuru pelo Iterpa.
2001	Criação da Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Erepecuru (ACORQE).
2108 de agosto de 2012	Concessão da Licença de Atividade Rural nº 2018/2012 pela SEMA, visando à exploração madeireira no território Erepecuru.

6. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS



FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	06	13	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

7. LEGISLAÇÃO

INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL E PATRIMONIAL E DE PLANEJAMENTO

Aqui serão apresentados apenas os instrumentos que incidem destacadamente na localidade em questão. Na Ficha de Identificação de Sítio são mencionados todos os instrumentos que incidem em comunidades quilombolas de um modo mais geral, em âmbito regional e federal.

1. Constituição da República Federativa do Brasil 1988, em especial o Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, que dispõe sobre o direito de propriedade das comunidades remanescentes quilombolas sobre as terras que ocupam tradicionalmente;
2. Decreto nº 4887, de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias;
3. Decreto nº 261 de 22 de novembro de 2011 que institui a política estadual para as comunidades remanescentes de quilombos no Estado do Pará e dá outras providências;
4. Instrução Normativa nº 57, de 20 de outubro de 2009/Incra que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação, desintrusão, titulação e registro das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que tratam o Art. 68 do ADCT-CF/88 e o Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003.
5. Lei estadual nº 6.165 de 02 de dezembro de 1998 que dispõe sobre a legitimação de terras dos remanescentes das comunidades dos quilombos no Pará e dá outras providências;
6. Decreto nº 261, de 22 de novembro de 2011 que institui a Política Estadual para as Comunidades Remanescentes de Quilombos no Estado do Pará e dá outras providências.

8. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

8.1. PROBLEMAS E POSSIBILIDADES

As comunidades do território Erepecuru apresentam grande variedade de manifestações culturais que constituem referências da trajetória de ocupação negra na região. São ricas em celebrações, formas de expressão, lugares de alta significação histórica e simbólica, e em ofícios e saberes tradicionais.

Observa-se no território uma atenção especialmente aguçada para as formas de expressão que caracterizam, na visão dos moradores, a cultura tradicional dos quilombolas do Erepecuru. Nesse cenário as músicas de “pau e corda”, as danças antigas e contemporâneas, além de narrativas tradicionais sobre encantarias são especialmente valorizadas.

Atualmente sofrem problemas semelhantes às demais áreas quilombolas, que são pressionadas em relação aos variados recursos naturais de que dispõem. No caso deste território é mais preocupante o risco de aceleração do desmatamento e dos processos de desagregação sociocultural em função do recente estabelecimento da empresa de exploração madeireira na área.

8.2. RECOMENDAÇÕES

Recomenda-se apoio às manifestações culturais que têm referência nas antigas festas de santos e nas músicas “de pau e corda”, em atenção a uma demanda das comunidades no sentido de reviverem essas expressões culturais e transmitirem-nas aos mais jovens. Considerando a alta atenção que é dispensada pelos moradores às formas de expressão orais, musicais e corporais tradicionais da região, é importante que se aprecie a possibilidade de atendimento de algumas reivindicações feitas pelos participantes da oficina de socialização do INRC que foi realizada no território. Entre elas recomenda-se especialmente que se proceda à elaboração de materiais de difusão das

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	06	13	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

histórias de encantarias contadas na região e à documentação das “festas culturais” que ainda são feitas no território, “antes que elas acabem”, como temem alguns moradores.

9. DOCUMENTOS ANEXADOS

OBS.: VER *ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA*

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	06	13	F11	01
------------------------------------	----	----	----	----	-----	----

ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	1 - Festa “cultural” 3 – Festa de aniversário da Igreja Adventista da Promessa 4 - Festa de Nossa Senhora Aparecida 5 - Festa de Nossa Senhora da Conceição 14 - Festa de São Benedito 18 - Festa de São Joaquim 25 – Festa do Aiué 28 - Festas da Consciência Negra 29 - Festas Juninas 30 - Barracão comunitário 31 - Barracão de festa 34 - Casa de farinha 35 - Igreja de Nossa Senhora Aparecida 39 – Igreja de São Benedito 45 - Paiol de castanha 46 – Carimbó 47- Dança Afro 48 - Dança Beleza da Cachoeira 50 - Dança do Zumbi com a Dandara 53 – Desfeiteira 54 – Folia de São Benedito 56 - Grupo Encanto do Quilombo 57 - Histórias de encantarias 58 - Histórias do tempo do pega-pega 59 – Ladainhas 60 – Lundu 62 – Mazurca 63 - Músicas de pau e corda (usa-se também a expressão “festa de pau e corda”) 64 – Músicas dos quilombos 65 – Quadrilha 66 – Valsa 67- Barracão de Pedra 70 - Cachoeira do Chuvisco 71 – Cachoeira do Ventilado 72 – Cachoeira Pancada 75 – Curral de Pedra 76 – Igarapé São Pedro 81 – Jarutá 83 – Lago do Centro 85 – Macaco 86 – Pedras Encantadas 87 – Penecura 91 – Puraqué 94 - Sítio Arqueológico da Efigênia 95 - Sítio Arqueológico do Santana 96 - Sítio Arqueológico do Vovô Lautério 97 - Sítios arqueológicos
---------------------------------------	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	PA	01	06	13	F11	01
---	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

	100 - Artesanato de barro 105 - Artesanato de talas, palhas e cipós 106 - Culinária tradicional 108 - Medicina tradicional 114 - Modo de fazer farinha de mandioca 118 - Modo de fazer tapioca 120 - Ofício de agricultor 121 - Ofício de benzedor/benzedeira e puxador/puxadeira 122 - Ofício de caçador 123 - Ofício de castanheiro 124 - Ofício de coletor de açaí 125 - Ofício de copaiheiro 129 - Ofício de pescador 130 – Puxirum 131 - Técnicas de construção tradicionais
ANEXO 4: CONTATOS	16 - Benedita Oliveira 18 - Bernardina Lima de Souza 25 - Daniel Souza 26 - Darlison Menezes de Almeida 28 - Dilma Salgado 32 - Edilena Souza da Silva 36 - Edna Maria dos Santos 67 - Júlia Márcia Guedes do Nascimento 69 - Lourival Almeida 80 - Margarida Souza Almeida de Jesus 82 - Maria da Paz Melo dos Santos 103 - Natanael Guedes do Nascimento 110 - Patrício da Silva Souza 122 - Silas Viana Gomes
FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS	

10. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADOR(ES)	Aldo Luciano Correa de Lima		
SUPERVISOR	Ricardo Nei de Araújo		
REDATOR	Aldo Luciano Correa de Lima	DATA 28/03/2014	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Luciana Gonçalves de Carvalho		